

Primeiro Manifesto do Fórum PARA O ECOSOCIALISMO

18 teses para o ecosocialismo

Fevereiro 2013

" Eu quero que a grande maioria, a única maioria: , toda a gente possa falar, ler, ouvir, crescer.

Eu nunca entendi a luta a não ser como um meio de acabar com o rigor.

Tomei um caminho porque acredito que este caminho nos leva a todos para esta amenidade permanente.

Eu luto por essa bondade geral, multiplicada, inesgotável. "

Pablo Neruda, poeta chileno (*Confesso Que Vivi*, 1974)

Este Manifesto do Fórum para o ecosocialismo inscreve-se na continuidade do Manifesto internacional do ecosocialismo publicado em 2002, como a Declaração Ecosocialista de Belém de 2009, para abrir o caminho para um novo projeto político.

Tem sido amplamente sujeito a debate no âmbito do Fórum para o ecosocialismo organizado pelo Partido de Esquerda no dia 1 de dezembro de 2012. Desde então, 133 alterações de fundo, de mais de trinta autores de vários horizontes foram recebidos e processados.

Esta síntese é proposta para todas e todos aqueles que o desejam, organizações e indivíduos, em França e a nível internacional, que se reconhecem no ecosocialismo.

Este "Manifesto do Fórum para um ecosocialismo" será discutido durante todo o ano e será submetido para uma nova discussão mais aprofundada por ocasião do segundo Fórum do ecosocialismo que será realizado em dezembro 2013, no âmbito da Comissão do Fórum composta pelas seguintes personalidades: Mathieu Agostini, Paul Ariès, Guillaume Etievant Laurent Garrouste, Susan George, Janette Habel, Damien Joliton, Matthieu le Quang, Jacques Lerichomme, Michael Löwy, Laurent Maffeis, Corinne Morel Darleux, Arno Munster, Danièle Obono, Anita Rozenholc...

Todas as informações sobre Fórum permanente para o ecosocialismo estão no site: ecosocialisme.com

TABELA DE CONTEÚDO

I. O QUE É O ECOSOCIALISMO?.....	3
1. Uma alternativa concreta e radical.....	3
2. Um paradigma do interesse geral.....	3
3. Uma nova síntese política à esquerda.....	3
4. A renovação do socialismo.....	4
II. SAIR DOS IMPASSES IDEOLÓGICOS.....	4
5. A mentira do capitalismo verde, os riscos de ambientalismo.....	4
6. O impasse da social-democracia.....	4
III. ESTABELEECER UMA NOVA ECONOMIA POLÍTICA AO SERVIÇO DO PROGRESSO HUMANO.....	5
7. Colocar a economia ao serviço das necessidades.....	5
8. Romper com os padrões tradicionais de pensamento.....	5
9. Produzir de outra maneira.....	5
10. Instaurar a regra verde como uma bússola política.....	5
IV. CONSTRUIR A REVOLUÇÃO ECOSOCIALISTA.....	6
11. As lutas devem convergir.....	6
12. Lutar é resistir para inventar.....	6
13. Implementar a planificação ecológica.....	6
14. Não ha igualdade e republica social sem constituinte!.....	7
15. Liderar a batalha cultural.....	7
16. Fazer saltar o trinco dos tratados liberais.....	7
17. Levar a luta internacionalista e universalista.....	8
18. Levar a revolução cidadã para o ecosocialismo.....	8



I. O QUE É O ECOSOCIALISMO?

1. Uma alternativa concreta e radical. O ecosocialismo não é uma utopia em que a realidade se deve conformar. É a resposta humana racional para o duplo impasse no qual a humanidade está agora bloqueada por causa de padrões de produção e de consumo do nosso tempo que empobrecem o ser humano e o ambiente. Ela chama a um pensamento e uma ação política radical, no sentido em que ela deve ir para as raízes das causas. Estamos lutando contra os dois motores do sistema atual: o capitalismo e o produtivismo. O capitalismo impõe a mercantilização para fazer de todas as coisas uma nova fonte de dividendos. É, portanto, responsável pela crescente desigualdade social e da mundialização em obra, liberal e liberticida, onde reina o dumping social e ambiental com a deslocalização das poluições e das alterações do ecossistema. O produtivismo esgota os recursos naturais e perturba o clima. A ideologia consumista é seu corolário.

Ela levanta a acumulação material em lei, com grandes golpes de publicidade para gerar necessidades nunca satisfeitas. Nós designamos os verdadeiros culpados deste sistema: a oligarquia financeira globalizada, os governos submissos aos lobbies das multinacionais sem controle democrático, os ideólogos da concorrência "livre e não distorcida", do capitalismo verde e do livre comércio. Diante deles, o ecosocialismo é uma alternativa para sair da crise e impor o interesse humano geral: partilhar as riquezas imediatamente, estabelecer uma nova economia das necessidades e da sobriedade, preservar o clima, o ecossistemas e a biodiversidade.

2. Um paradigma do interesse geral. Na realidade, antes de todo pensamento humano sobre o assunto, o ser humano é parte integrante do ecossistema em que vive. Não podem ser separados. Existe apenas um único ecossistema global compatível com a vida humana. Portanto, somos todos iguais na nossa dependência do ecossistema. Esta verdade se impõe a todos, apesar das nossas diferenças de todos os tipos. Há portanto um interesse humano geral que é ligado à de outras espécies vivas : preservar o ecossistema que torna a vida humana possível. Como o identificar sem pela livre deliberação coletiva? Como ela poderia ser livre se uns dominam os outros, se verdades reveladas se impõem antes do debate? O paradigma ecologista apela á democracia, a igualdade social, a laicidade e o feminismo. São condições indispensáveis para que o debate público pudesse ter lugar sem intrusão da força oligárquica, dogmática ou patriarcal. Finalmente, na deliberação para determinar o interesse geral humano, cada um de nós é chamado a dizer, não o que é bom para ele, mas o que é bom para todos. Isto estabelece a universalidade dos direitos humanos, da cidadania como dever e da República como necessidade. Esta é a conexão racional que une a ecologia política e a República social universal. É esta teoria política global que chamamos de ecosocialismo. É um humanismo e universalismo socialista e concreto.

3. Uma nova síntese política à esquerda. O ecosocialismo é um novo projeto político que realiza a síntese de uma ecologia necessariamente anticapitalista e de um socialismo apurado da lógica do produtivismo. Permite assim a junção das grandes correntes da esquerda numa nova paradigma político. Precisamos desse projeto de sociedade alternativa ao capitalismo. Ele desenha uma linha de horizonte na luta por uma sociedade de emancipação e de progresso onde a devastação do meio ambiente e a exploração do homem pelo homem terão desaparecido. Nosso projeto eco-socialista leva em conta as necessidades humanas e os limites do planeta. Pensa de novo a utilidade social da produção, nossos modos de consumir, as nossas necessidades reais, a finalidade dos nossos produtos e como produzi-los.



4. A renovação do socialismo. O socialismo tem sempre como alvo a emancipação da pessoa humana. A emancipação passa através da partilha da riqueza, da democratização do poder e da educação global de cada mulher e homem. Este programa ainda é nosso. Mas agora sabemos que a emancipação não pode ser alcançada pelo crescimento infinito : o ecossistema que faz a vida humana possível não o permite. Esta observação obriga-nos a definir um novo modelo de progresso em ruptura com o sistema capitalista. Devem ser redesenhados, não só o sistema de produção e de intercâmbio, mas também o teor de padrões de produção e consumo. Esta abordagem envolve, portanto, toda a organização social e política. Obriga-nos a pensar em novas formas o que é verdadeiramente o progresso humano na perspectiva da preservação do ecossistema. Nestas condições, propomos uma nova instrução da estratégia emancipatória para o futuro da humanidade. Esta nova consciência e seu programa de acção são o ecosocialismo. Seus métodos são a radicalidade no concreto, o planejamento ecológico e a revolução cidadã.

II. SAIR DOS IMPASSES IDEOLÓGICOS

5. A mentira do capitalismo verde, os riscos de ambientalismo. Nossa ecologia é social, ela amplia as lutas históricas da esquerda. Rejeitamos a mistificação representada por uma visão da ecologia que se quer compatível com o liberalismo. Nós denunciámos "o capitalismo verde", que, sob o pretexto de desenvolvimento sustentável fornece um novo espaço nas mãos da busca do lucro máximo, alimenta a dinâmica imperialista e a mentalidade de curto prazo. Nós rejeitamos o discurso ecologista que simplesmente basta culpabilizar os indivíduos. Assim, deixa de reconhecer a grande responsabilidade do produtivismo desenfreado. Renuncia em atacar os padrões da produção e de consumo capitalista e se recusa a ver que eles exploram os mais precários e o saque aos países do sul.

Recusamos o que seria uma ecologia de salão fora das classes populares, sem sérias críticas a economia globalizada, sem uma visão social e, portanto, sem eficiência ambiental. Nossa ecologia aborda as questões ambientais vinculando-se sistematicamente com a crítica do sistema econômico e com as lutas sociais, envolvendo todos os cidadãos.

6. O impasse da social-democracia. Nós rejeitamos a doutrina social-democrata que quer a redistribuição da riqueza como somente um estímulo do crescimento do PIB e o aumento do consumo global. É uma dupla contradição. Por um lado, mantém o poder do capital financeiro e supõe que a repartição da riqueza é organizada a partir "dos frutos do crescimento". Ele não luta contra a acumulação já adquirida. Pois, sabemos que as riquezas existem, e não há necessidade de esperar para as redistribuir. O que está em jogo é o acumular destas riquezas através da predação do capital. Por outro lado, essa doutrina é baseada em um modelo de expansão infinita que é um suicídio da civilização humana. O PIB é um indicador que não reflete o bem viver numa sociedade. É claro que é imperativo que cada ser humano tenha acesso aos produtos básicos. Claro, a retomada das atividades de interesse geral é essencial. No entanto, a retomada do crescimento econômico cego não é susceptível de responder às urgências sociais. É ainda menos desejável nem sustentável do ponto de vista da preservação do ecossistema, dos recursos naturais e do clima. Nós não esperamos nem a retomada do crescimento nem os efeitos benéficos da austeridade : nós não acreditamos nem em um nem outro.



III. ESTABELECECER UMA NOVA ECONOMIA POLÍTICA AO SERVIÇO DO PROGRESSO HUMANO

7. Colocar a economia ao serviço das necessidades. O ecosocialismo quer pôr a economia e o sistema produtivo ao serviço das necessidades humanas. Nisso, ele se opõe à "política da oferta" defendida pelos liberais. Rejeitamos essa lógica produtivista de produzir tudo e qualquer coisa em quaisquer condições para alimentar o fluxo num mercado por gastos com publicidade. Como também não vemos que , para este fim, para aumentar os lucros, o sistema nos vende produtos programados para falhar e que se tornam obsoletos cada vez mais rapidamente? Como suportar mais tempo a bagunça crescente dos desperdícios de nossa civilização? Como ignorar o fato de que muitos são exportados para os países do Sul às custas da saúde das populações e do seu meio ambiente? Nossas decisões coletivas devem antes ser guiadas pela satisfação das necessidades reais. Este é o significado da planificação ecológica. Inverte a lógica com base nas necessidades, de dever de preservar o ecossistema e do direito de todos a viver num ambiente saudável. Ele põe o sistema produtivo de acordo com esses imperativos.

8. Romper com os padrões tradicionais de pensamento. O ecosocialismo desafia a ditadura dos interesses particulares e da propriedade privada dos meios de produção. Ele questiona a relação com o trabalho. Nós defendemos a propriedade social dos meios de produção e as propostas alternativas da economia social e solidaria em termos de auto-gestão e cooperativas. Defendemos a soberania do orçamento e a nacionalização como um instrumento de política pública, particularmente em termos de serviços bancário e de crédito. Índice do progresso humano, desglobalização e protecionismo social e ecologico, recurso incondicional de autonomia e salário socializado, rendimento máximo permitido são as oportunidades que temos em mente para pensar fora dos caminhos habituais e evitar a armadilha de um acompanhamento do sistema. Precisamos também de ir mais longe em termos de redução drástica do tempo de trabalho : "trabalhar menos, por trabalharmos todos e melhor", fixar o pleno emprego como horizonte questionando as finalidades do trabalho. Nada serve de trabalhar mais do que o tempo útil para produzir o que precisamos. O tempo liberado poderia ser útilmente afetado para atividades consideradas hoje como "improdutivas" e portanto tão essencial para o bem viver.

9. Produzir de outra maneira. A revisão em pleno do nosso sistema de produção tem por base o que chamamos os "4 R" : realocização da atividade, reindustrialização ecológica, reconversão da ferramenta industrial e redistribuição do trabalho. Muitas necessidades não satisfeitas existem: numa indústria realocizada, nos serviços para as pessoas , na agroecologia e na agricultura camponesa ao serviço da soberania alimentar e para a saúde de todos, na pesquisa e nas fileiras "verdes" para reduzir nossa dependência de recursos não renováveis (eco-construção, eficiência energética, renovação térmica, energia renovável...). Com o aumento do desemprego e da crise social, o argumento do emprego é muitas vezes apresentado contra o imperativo da proteção do ambiente. Este é um absurdo : hoje vemos os custos econômicos e sociais do "laissez-faire" liberal, quando a realocização e a transição ecológica permitiria de manter, transformar ou criar muitos postos de trabalho, locais e sustentáveis, em todos os países.

10. Instaurar a regra verde como uma bússola política. A "regra verde" é o nosso indicador central de controle da economia. Ela substitui a "regra de ouro" de políticas de austeridade e de "ajustamento estrutural" impostas pelo Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Comissão Europeia e do Banco Central Europeu. Destina-se a garantir a nossa responsabilidade perante a humanidade e o seu ecossistema, eliminando a dívida ecológica. Ela combina a necessária redução de



certos consumos materiais e à revitalização necessária de certas actividades, tendo em consideração sistemático a pegada ecológica gerada. A mais dos danos já feitos para recuperar em matéria de emissões de gases com efeito de estufa e de perda de biodiversidade, adotamos como um meio de avaliação das políticas públicas, de atrasar todos os anos o "dia de superação global". É a data em que, ao nível mundial, recolhemos o volume de recursos renováveis igual ao que o planeta é capaz de regenerar e onde produzimos o lixo que é capaz de digerir. Nosso objetivo é de a manter no dia 31 de dezembro, isso quer dizer que neutralizamos a nossa pegada ecológica. Isto implica a redução drástica das emissões de gases com efeito de estufa e parar o nuclear que produz lixos radioativos que ninguém sabe como gerenciar e acarreta riscos inaceitáveis para os seres humanos como o ecossistema.

IV. CONSTRUIR A REVOLUÇÃO ECOSOCIALISTA

11. As lutas devem convergir. Nosso objetivo de ruptura civilizacional impõe que a ação política seja o resultado de maior número. O tempo é de reunir e agir, não apenas para ter razão entre convencidos, ou pior, ficarmos um contra os outros : estamos ao lado dos trabalhadores e dos precários do sistema que resistem e são portadores de projetos sociais alternativos e ecologistas. A conversão ecológica não será sem eles, muito menos contra eles. Nossos adversários nesta bifurcação radical da sociedade não são os pesquisadores ou trabalhadores da indústria, mas sim os bancos, as multinacionais e os acionistas que orientam a produção de acordo com os seus interesses privados e não o interesse geral.

12. Lutar é resistir para inventar. A revolução eco-socialista reúne propostas programáticas e presença nas lutas sociais e ambientais, ao lado de todos aqueles que resistem. Os cidadãos envolvidos neste projeto estão envolvidos no desenvolvimento de experimentações e alternativas concretas : circuitos curtos, associações para a manutenção da agricultura camponesa, apoio às cinturões de culturas de alimentação e ações contra a artificialização dos solos, coletivos de cidades em transição, aquisições de empresas por trabalhadores, sistemas locais de troca, economia cidadã e moedas locais complementares, habitação coletiva e carpooling ... Eles são ativos nas ações de desobediência civil não-violenta, nas operações anti-publicidade ou de requisição de casas vazias. Os eleitos do povo para o projeto ecosocialista empenham-se de maneira coerente entre os seus discursos e suas ações. Eles mostram ao vivo a esquerda pelo exemplo tomando medidas para proibir a publicidade, pôr de volta a propriedade pública da água, ou na ampliação de serviços públicos gratuitos.

13. Implementar a planificação ecológica. A planificação ecológica requer um tomar em conta o tempo longo e o controlo público, tudo sob controlo dos cidadãos, trabalhadores e utentes. O problema não é a indústria, a pesquisa ou a tecnologia em si, mas a falta de escolha e controlo cidadão. A revolução cidadã é necessária para conquistar esta capacidade de controlo. Tal é a mistura explosiva de utopia revolucionária e de tecnicidade em que aspiramos. O Plano ecológico dá a possibilidade de organizar a bifurcação para um outro modo de desenvolvimento, questionando as nossas necessidades e redirecionando produção, intercâmbio e consumo sob a sua utilidade social e ecológica. O setor da pesquisa precisa reorganizar em torno do interesse geral e das necessidades reais, e inventar novas formas de participação através por exemplo de convenções de cidadãos. A escola pública, através das fileiras profissionais, tecnológicas e gerais devem organizar a elevação dos conhecimentos e das qualificações para qualquer idade, a fim de dar sucesso a bifurcação e dar a criar novas fileiras. "Conferências de participação popular" devem ser organizadas para redefinir os critérios de utilidade social e ambiental e a articulação entre os vários níveis, das políticas europeias até as ações locais. A planificação ecológica organiza a intervenção contínua dos empregados na gestão das empresas, em linha com a crescente convergência das lutas sociais e ambientais.



14. Não ha igualdade e republica social sem constituinte! Afirmamos a exigência de um alto nível de cultura comum á escola pública incluindo a educação ao meio ambiente. Caso contrário como tornar possível a emancipação individual e colectiva, a única forma de permitir o consentimento num contrato social compartilhado por todos? O projeto eco-socialista reafirma o papel do Estado, da colectividade e dos serviços públicos, indispensaveis para planificar a ruptura, construir uma sociedade emancipatória e garantir a igualdade de acesso aos direitos fundamentais para todos, em todos os lugares. Eles devem ser repensados por meio de uma Assembléia Constituinte. Ela deve renovar de cima para baixo as formas institucionais e implementar meios democráticos que tornam possível o envolvimento cidadão permanente e a soberania popular em todas as áreas. Porque a tarefa revolucionária é imensa. Apoiamos de facto o estabelecimento de um "cuidado" do território ao contrario da expansão urbana, da concentração das populações em megacidades e da competição entre territórios. Defendemos um novo urbanismo que traz as funções essenciais ao "Bem viver" (serviços públicos de saúde e de educação, habitação, atividade profissional, cultura e lazer, biodiversidade, agricultura camponesa). Rejeitamos a mercantilização dos vivos e dos OGM, bem como a financeirização dos bens comuns como a água, a energia e o conhecimento, e a privatização dos serviços públicos. Estes devem ser objeto de uma gestão pública pensando de novo a articulação entre o Estado, que garante a igualdade republicana, as autoridades locais e a ação dos cidadãos, os sindicatos, as associações e os utentes.

15. Liderar a batalha cultural. O projeto eco-socialista leva sua luta ideológica por meio da educação popular. Ele quer descolonizar o imaginário. Denuncia a programação de um indivíduo-consumidor dócil, submetidos aos avisos dos chamados especialistas e os requisitos do produtivismo que nos faz desejar produtos nocivos e desnecessários, fabricados no outro lado do planeta, em condições de trabalho indignas e sob leis ambientais defeituosas ou inexistentes. Luta contra os braços armados do produtivismo que são a publicidade, com sua procição de mercantilização dos corpos e de sexismo, a moda e a comunicação social, ligadas as agências de crédito, que nos conditionam e nos submetem a ordem de comprar e de desperdícios permanentes. Esta batalha ideológica tambem é uma batalha de vocabulário. Nós rejeitamos a política do oxímoro e da novlingua liberal : o "preço do trabalho", que torna-se um "custo", as contribuições sociais em "cargas", as "forças de paz" rebatizado "forças da ordem", a videovigilância "video proteção", ou mais, a energia nuclear disfarçada de "energia limpa e livre de carbono".

16. Fazer saltar o trinco dos tratados liberais. A escala mundial, denunciemos os acordos promovidos pela Organização Mundial do Comércio, acordos de livre comércio e acordos de parceria econômica que contribuam para o esgotamento dos recursos naturais, a exploração dos povos do Sul e o dumping social nos chamados países desenvolvidos. Porque é a primeira zona econômica do mundo, a evolução da União Europeia envolve todo o planeta. Sua política liberal está bloqueada pelos tratados existentes e os planos de austeridade. Fundada sob a liderança de lobbies econômicos e financeiros, todos eles têm em comum de prever o desaparecimento dos serviços públicos, a extensão do setor mercantil e do livre comércio. Isso faz com que tanto a bagunça mercantil devido à concorrência mercantil, e destruição de serviços públicos e bens comuns para o benefício de interesses privados. A Europa liberal e "austeritaria" (austeridade e autoritária) impede também de controlar e orientar o conteúdo da produção e do intercâmbio para objetivos de progresso humano. Nessas condições, assumimos que a política ecosocialista na Europa passa através da desobediência à Europa liberal e suas directivas. Isto exige construir outras relações de forças entre os cidadãos, o poder da finança e as instituições anti-democráticas da União Europeia. Se o nível europeu pode ser apropriado para as grandes políticas ambientais e sociais, a sua aplicação só é possível mediante a construção de uma outra Europa, sob o controle democrático dos povos.

17. Levar a luta internacionalista e universalista. Há apenas um ecossistema compatível com a vida humana. Devemos tirar todas as consequências em todas as áreas. As decisões tomadas em um só lugar no planeta têm implicações em todos os outros lugares. O projeto ecosocialista envolve o reconhecimento da responsabilidade dos países chamados do Norte, a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em relação aos chamados povos do sul. Ele denuncia a competição organizada em vez da cooperação, o produtivismo e seus efeitos sobre o clima global, a pilhagem dos recursos naturais, a concentração das terras aráveis, ou também a austeridade imposta pela Troika. Ele induz o reconhecimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da criação de um Tribunal internacional dos crimes contra o meio ambiente. O ecosocialismo requer contribuir para os debates ligando política de desenvolvimento e progresso social, e preservação do ambiente. Para isso, nós apoiamos nos inspiramos das no estrangeiro: revoluções cidadãs e as primaveras árabe, a recusa da dívida e dos monopólios da comunicação social na Argentina, assembléia constituinte na Islândia e na Venezuela, iniciativa Yasuni ITT para deixar o petróleo no subsolo no Equador... Os conhecimentos, a experiência os métodos adquiridos nessas situações devem ser capazes de convergir. O projeto ecosocialista deve ser levado por um Fórum Mundial que faz a finalidade da revolução cidadã do nosso tempo.

18. Levar a revolução cidadã para o ecosocialismo. Dada a extensão da sua finalidade, o questionamento do modelo produtivista capitalista não pode resultar de uma alternância eleitoral e de decisões vindas de cima. Trata-se de uma revisão radical das instituições, incluindo eleições de modo proporcional, paridade e não-acumulação de mandatos permitindo ao povo de ser efetivamente representado em todas as suas características. Isto para pôr fim a oligarquia e assegurar, em todas as circunstâncias, a soberania popular numa democracia real. Isso exige que as maiorias parlamentares ecosocialistas combinem a sua ação com movimentos de participação popular em todas as áreas da sociedade. Esta reapropriação da iniciativa política e cidadã por cada mulher e cada homem, a fim de determinar em toda parte e em todos os domínios qual é o interesse geral, é o que chamamos a revolução cidadã. É uma revolução. Porque propõe de mudar as formas da propriedade, o sistema institucional e a hierarquia de normas jurídicas, sociais e ambiental que organizam a sociedade e a economia. Ela é cidadã. Porque ela quer dar o poder a cada um não por o interesse de uma categoria social em particular, mas para o bem de todos os seres humanos. E porque se dá formas institucionais e se submete ao sufrágio universal, no pluralismo político. Nós recusamos que o desespero e a raiva caiam para o lado do ódio. Nem vanguarda iluminada, nem ditadura verde, nem retirada etnicista, defendemos então o caminho democrático da revolução cidadã. O povo não é o problema, é a solução. O pior dano da crise atual a civilização humana seria que a humanidade não seja capaz de abrir o caminho para um novo futuro. O ecosocialismo pode o ser. Que ele floresce!

Tradução

Bruno Fialho

José João Louro